

# No presidencialismo *Sarney*

## o ministério é do Presidente

COM os olhos postos no Hospital do Coração, em São Paulo, os brasileiros permaneciam de costas voltadas para a Nova República. A triste perspectiva de um prolongado impedimento do Presidente eleito — na melhor das hipóteses — devia levar os políticos a chamar o povo de volta à realidade cotidiana. O país não podia estagnar-se a contemplar manifestações que, de tanto se reproduzirem, acabarão esvaziadas do conteúdo emotivo original para se tornarem meramente miméticas.

A crise aguda ocorrida ao alvorecer do regime comporta algumas lições que é preciso reter. Note-se, desde logo, que esta é a primeira ocasião, desde o 15 de novembro de 89, em que as vicissitudes políticas são enfrentadas sem a intervenção dos senhores militares. A observação, eu a ouvi de um eminente intelectual e político, cujo nome deixo de revelar por não estar autorizado a fazê-lo. O caso é mesmo da maior importância. A história poderá vir a retê-lo como peculiaridade civilizada do temperamento nacional, expressivo da dessemelhança entre nossos políticos e os aventureiros empoleirados nos governos de países do Terceiro Mundo.

O formalismo democrático é incompatível com a militarização das instituições do Estado. O Pinochet das esquerdas, esse tal de Ortega, da Nicarágua, andou por aqui fantasiado de soldadinho, e o Ortega das direitas, de nome Pinochet, nunca aparece sem uniforme. O pormenor é altamente significativo: "Uno de los éxitos más lamentables del marxismo en los últimos años ha sido comenzar a erosionar con éxito en América Latina el ideal de la democracia "formal", representativa; y la estima por las metas, las conquistas y los principios de la revolución liberal, así como abolir la vergüenza y mala conciencia por las desviaciones con relación con esos ideales y esas metas". (Carlos Rangel — *Del buen selvaje al buen revolucionario*). Não poderá elevar-se ao nível da influência moral das democracias o Estado privado de instituições representativas civis.

A outra lição é velha e tem sido muito repetida em nosso regime republicano. Uma vez mais o sistema presidencialista mostrou-se frágil e preche de riscos para a legalidade. O país não retomou a vida normal porque o Presidente adoeceu. A existência de um vice-presidente não é solução fácil e tranqüila para o regime. Nunca foi. Vivêssemos sob o parlamentarismo, não haveria solução de continuidade na condução dos negócios públicos. O primeiro-ministro enfermo seria substituído por outro primeiro-ministro sadio e os negócios do Estado prosseguiriam com normalidade. No presidencialismo, é isso que está aí. Os senhores políticos digam lá o que quiserem, mas não poderão tapar o Sol com a peneira. O ministério constituído pelo Sr Tancredo Neves é pessoal e intransferível. Não haverá Sarney, Ulysses ou Montoro capaz de pô-lo em funcionamento como saberia fazê-lo o Presidente eleito. Através do heterogêneo grupo — uma colcha de retalhos — o Sr Tancredo Neves estaria habilitado a impor a sua marca na condução dos negócios públicos e até poderia faltar, se necessário fosse, a muitas promessas formuladas no decorrer da campanha eleitoral. Por exemplo: combater drasticamente a inflação e, concomitantemente, promover a expansão dos negócios.

O problema político colocado diante de nossos homens públicos não é, portanto, assegurar a substituição ou a sucessão do Sr Tancredo Neves pelo Sr José Sarney. Acho que essa questão está resolvida, apesar do tumulto inicial promovido por constitucionalistas improvisados diante dos microfones de jornalistas. A dificuldade será o maestro Sarney reger de ouvido uma partitura que o Sr Tancredo Neves só tinha na própria cabeça. As individualidades díspares e os temperamentos antagônicos se entrecroçarão inevitavelmente diante do estadista maranhense, porque só o Presidente Tancredo Neves saberia conduzi-los ao mesmo passo. Não haverá ninguém no mundo, além do Sr Tancredo Neves, capaz de pôr o Sr Aureliano Chavés a executar um *pas-de-deux* e o Sr Waldir Pires a dar os saltos do *ballet* do Príncipe Igor, enquanto o Sr Fernando Lyra perpetra um *sapateado flamenco*, sem que um dos executantes saia do palco furando o papel do cenário ou venha estatelar-se no colo da platéia.

O Sr Sarney sentirá em breve ser necessário ter o seu próprio ministério. O que marcará um eventual Governo Sarney — eventual, aí, é igual a prolongado — será a sua atitude diante da inflação e da política externa. A primeira não poderá limitar-se ao combate contra as mordomias. A nova "guerra do alecrim contra a mangerona", que estamos a assistir, corre o risco de transformar-se em "ópio do povo". O imprescindível é ir ao cerne da questão, isto é, aos gastos do estatismo, das estatais, do Governo em geral. Não é admissível levar avante programas ditos sociais, que exigem trilhões de cruzeiros e, simultaneamente, promover a expansão dos negócios da Petrobrás, Eletrobrás e outras gigantescas corporações mantidas à custa dos nossos dinheirinhos. O desenvolvimento econômico deverá caber aos capitais privados nacionais e estrangeiros em associação com os brasileiros. Os recursos oficiais são insuficientes para atender às necessidades da educação, da saúde e da defesa do país. Não é admissível continuar a aplicá-los em empreendimentos na indústria e — é o cúmulo! — até no comércio. (A propósito: em boa hora o Sr Ministro da Fazenda desencadeou a luta contra os aventureiros do mercado financeiro. Mas por que ainda não determinou o fechamento de uma dessas COBEC através das quais centenas de milhões de dólares foram pulverizados?). A atitude do governo tem que ser irrepreensivelmente coerente em

questões de moralidade administrativa. A sorte dos milhares de bancários do Sul Brasileiro é de preocupar os administradores honrados. Mas não será, também, a dos demais empregados em firmas financeiras falidas com a conivência ou por deficiência da fiscalização do Banco Central? Atender a uns e deixar os outros no sereno é uma grossíssima indecência.

Também intolerável será proporcionar tratamento diversificado aos investidores atraídos a essas arapucas. Ardentemente desejo que os compradores de CDB no Sul Brasileiro tenham o seu capital de volta. Vai o Governo reembolsá-los com numerário do Tesouro, isto é, com os cruzeiros indispensáveis aos mais do que urgentes programas sociais? Então proceda semelhantemente com quem foi "ilaqueado em sua boa fé" — como dizia antigamente a reportagem policial — e comprou papéis das "Letra", "Coroa", "Delfim" e demais "financeiras". Empreender o salvamento do Sul Brasileiro, porque ali trabalham milhares de indivíduos, criará um precedente trágico-ridículo. Os espertalhões de amanhã, ao planejarem um "tiro na praça", tomarão o cuidado de recrutar, previamente, multidões de desocupados. Após falirem, serão salvos por deputados em busca de eleitores que, com a cara mais limpa do mundo, proporão a "estatização" das firmas embusteiras, tudo isso sob o aplauso delirante dos saturnídeos do PDT e dos numismatas e filatelistas do PT. Assim, de estatização em estatização, essa súcia de irresponsáveis irá enchendo o papo. Até que o Brasil desabe-lhes sobre a cabeça.

Quanto à política externa, basta ler o discurso inaugural do Chanceler Setúbal para compreender que a diplomacia do regime democrático é incompatível com a linha traçada, originalmente, pelos Srs Azeredo da Silveira (Geisel) e Saraiva Guerreiro (Figueiredo) — por mais que a defendam pretensiosos sabichões egressos das páginas do *Tristes Tropiques* de Levy Straus.

Ao afirmar o primado da política sobre a ética, o filósofo Thomas Hobbes, inspirador do Sr Olavo Setúbal, considera impossível a existência da justiça internacional (*Leviathan*, Cap. XXX), no que, aliás, afina integralmente com o mentor intelectual dos geiselianos, o não menos filosófico Hegel (*Filosofia do Direito*, Ar. 333). A diplomacia inspirada nas idéias de Hobbes projeta à esfera internacional, inevitavelmente, a situação do "bellum omnium contra omnes" do estado natural.

O Sr José Sarney precisa devolver o Sr Olavo Setúbal, ao Banco Itaú, para que a diplomacia do regime representativo restaurado não venha a ser conhecida, nas chancelarias estrangeiras, devido a nossa fraqueza militar, como a **diplomacia do lobo-bobo**.

Ao encerrar este artigo volto à questão da composição do ministério. Os grupos heterogêneos recrutados por grandes homens — e não me arreio de incluir o Dr Tancredo nessa categoria — serão eficazes, em política, somente sob o comando de um deles. O Sr José Sarney não é uma mediocridade, como assoalha por aí o semanário inglês *The Economist* ("The acting president is being internationally discounted as a mediocrity". Edição de 6 de abril). Mas não é ofendê-lo afirmar que não tem a experiência, a lucidez, a visão política, enfim, desse mineiro pequenininho por fora e imenso por dentro que, passará à nossa História como restaurador, pacífico, do regime representativo brasileiro, após 20 anos de ditadura militar. A medida de sua capacidade operacional na Presidência da República o Sr Sarney nos revelará quando tiver um Ministério à sua feição.

A questão da composição dos grupos que cercam os indivíduos excepcionais — excepcionais por suas qualidades ou pelas posições que ocupam — sempre me fascinou. Não esqueço um livro que li há várias décadas e que não sei onde anda em minha biblioteca: *As Aventuras de Júlio Jurenito*, de autoria do escritor russo Ilya Ehrenburgo. Trata-se da extraordinária história de um mexicano que, durante a Primeira Guerra Mundial, reúne em torno de si um grupo díspare — um italiano, um americano, um alemão e outros com o qual vive impagáveis aventuras, na Europa, para acabar na União Soviética dos primeiros dias revolucionários. A lição do livro é que, sem o caráter de Júlio Jurenito, o grupo jamais teria existido.

A história de Júlio Jurenito ocorre-me também quando recomponho a relação de personalidades dessemelhantes que um outro grande homem, o Professor San Tiago Dantas, tinha congregado à sua volta. Impossível compor igual coleção de caracteres tão inconfundíveis. Ao desaparecer San Tiago, cada qual foi para o seu próprio caminho e muitos ainda irão opor-se ou já se opõem em lutas acirradas. A capacidade de liderança de San Tiago — um dos signos de sua grandeza — sabia suscitar em cada uma das inteligências diversas a devoção desinteressada que os fundia em bloco provisoriamente monolítico.

O Ministério Tancredo Neves é igual à relação de amigos de San Tiago Dantas e aos liderados por Júlio Jurenito. Trate o Sr José Sarney de arranjar a sua família política. Um homem de valor precisa ter a sua volta outros homens de valor menor. Assim ele poderá até ser-lhes grato. Quem disse isto foi um francês muito inteligente, cujos livros não me canso de folhear. Chamava-se Paul Valéry.

OTÁVIO TIRSO DE ANDRADE  
Jornalista